



GT 065. Trajetórias de acadêmicos indígenas, negros e quilombolas: impactos presentes e perspectivas de futuro

Ugo Maia Andrade (Universidade Federal de Sergipe) - Coordenador/a, Osmundo Santos de Araújo Pinho (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia) - Coordenador/a, Florêncio Almeida Vaz Filho (UFOPA) - Debatedor/a, Maria Rosário Gonçalves de Carvalho (Programa Pós-Graduação Estudos Étnicos e Africanos; Programa Pós-Graduação em Ciências Sociais) - Debatedor/a

O acesso à universidade suscitou novas perspectivas para segmentos socialmente minoritários, a exemplo de indígenas e quilombolas, e mesmo negros (pretos e pardos) urbanos, cujos indivíduos ascenderam ao ensino superior como realizações pessoais e/ou estratégias coletivas. Todavia, se ainda persistem inúmeros obstáculos à sua permanência na academia, percursos acadêmicos de indígenas, negros e quilombolas têm sido construídos na contramão das adversidades. Pretende-se reunir, neste GT, comunicantes atentas aos efeitos dessas trajetórias sobre coletivos indígenas, negros e quilombolas, buscando-se responder a quatro questões básicas: [1] até que ponto o acesso à universidade pública tem auxiliado na consolidação/formação de uma autonomia e protagonismo indígena, negro e quilombola em um cenário de deterioração gradual de direitos? [2] Em que sentido a produção acadêmica e política desses atores sociais tem feito diferença em relação ao que, antes, já se produzia? [3] Quais os novos olhares e perspectivas trazidos por estes novos intelectuais indígenas/quilombolas/negros? [4] Que repercussões têm sido produzidas, nos coletivos de origem, pela ascensão de indígenas e quilombolas/negros ao ensino superior em níveis de graduação e pós-graduação?

Acadêmicos indígenas em Roraima: entre caminhos, bifurcações e labirintos

Autoria: João Francisco Kleba Lisboa

A apropriação indígena dos saberes acadêmicos, dos ritmos, formatos e cacoetes deste ambiente singular do mundo não indígena, mas também das posições e lugares de fala que ele propicia, vai aos poucos sendo incorporada nos modos de ser da juventude indígena em Roraima que, em meio a influências diversas, entra na universidade e ali passa um período de sua vida. O processo de buscar formação pessoal e conhecimento sob a forma de experiência de vida longe da comunidade faz parte de uma dinâmica propriamente indígena de aprendizado. Ou seja, a educação formal é englobada no modo de conhecer/ver/traçar o próprio caminho. Se esse fenômeno recente não pode ser descrito simplesmente como a execução de um projeto coletivo unívoco e direcionado, tampouco ele é apenas um apanhado de histórias e relatos individuais. É possível afirmar que, ao menos em Roraima, os acadêmicos indígenas são hoje uma faceta inovadora e vibrante do mundo indígena, mesmo que não haja consenso sobre isso: para algumas lideranças e comunidades eles representam a aposta em um futuro melhor, enquanto para outras são motivo de desconfiança e até de algum desprezo. Bifurcações, e não meramente dualismos, no entanto, sempre fizeram parte das construções (simbólicas, sociais) das sociedades indígenas, o que desperta até hoje a atenção de parte da etnologia. Mas também se trata da tentativa, por parte dos povos indígenas, de encontrar soluções para os problemas contemporâneos que assolam suas terras, suas crianças e jovens, que interferem na sua relação ancestral com animais, plantas e rios, enfim, que perturbam suas comunidades e, de forma geral, o planeta como um todo. O percurso neste labirinto, portanto, para alguns indígenas, passa pelos corredores labirínticos das universidades.



Realização:



Apoio:



Organização:

